

O ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL PARA ALÉM DO VESTIBULAR: INQUETAÇÕES DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA*

*SILVA, Joelci Mora***

O presente trabalho surgiu do desejo de dar voz aos anseios expressados pelos professores de História que participaram como sujeitos da pesquisa empírica de natureza qualitativa, através da realização de entrevistas, durante a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em julho de 2008 ao Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que recebeu o título História Regional em uma escola pública de Campo Grande-MS: a voz dos professores.

Procuramos identificar através do relato dos professores, os materiais e as ações utilizados para o desenvolvimento dos temas regionais da História. Buscamos encontrar os sinais do homem sul-mato-grossense e do homem da região do Pantanal sul-mato-grossense nos temas históricos trabalhados de acordo com os relatos obtidos. Utilizamos como *aport*, para as definições e justificativas, as formulações históricas correlatas aos temas estudados neste trabalho, encontradas em Ferro, Benjamim, Le Goff, entre outros.

Analisamos os conteúdos obtidos nas entrevistas a partir do olhar da teoria histórico-cultural da Psicologia através das contribuições de Vygotsky, das questões de identidade apresentadas por Ciampa e das definições de cultura expressas em Leontiev.

Nosso objetivo principal é, a partir do olhar de seus professores, suscitar reflexões acerca da abordagem regional da História no ensino médio, problematizando a relação “conteúdo x vestibular”, por figurar como um ponto de relevada e importância.

A iniciativa de destacar aqui a visão dos professores acerca dos reflexos que a primazia do vestibular podem causar na produção do conhecimento histórico se justifica por entendermos que ao direcionarmos o ensino da História para cumprir uma única demanda – o vestibular por exemplo – corremos o risco de privar os alunos do entendimento lato do processo histórico que foi contributivo para a formação da sociedade em que está inserido, e conseqüentemente, o tolhemos de reflexões interdisciplinares amplas, como a formação da identidade do sujeito, incitadas pelo conhecimento histórico.

* Este trabalho fundamenta-se na investigação realizada como parte da pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano” que está sendo desenvolvida pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicologia e Educação – GEPPE e conta com o financiamento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul - FUNDECT/MS.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS – bolsista CAPES – sob orientação da professora doutora Sônia da Cunha Urt (CCHS/DCH/ PPGEduc/UFMS).

Dividimos nosso trabalho em duas partes. Apresentamos na primeira parte, “Ouvindo os professores: percursos da pesquisa”, o caminho metodológico que balizou nossas investigações. Na segunda parte, “Reflexões e inquietações: categorias, análises e discussões”, traremos a discussão do tema que aqui nos dedicamos através das falas dos professores que revelam sua preocupação com a questão dos vestibulares em suas práticas docentes.

Cabe esclarecer que tratamos o vestibular por ser esta a forma mais corriqueira de ingresso nas Instituições de Ensino Superior na época e na cidade onde realizamos a investigação. Ainda que pese o fato de outros processos seletivos tomarem corpo no Brasil, a exemplo do ENEM, as considerações sobre o tema continuam sendo pertinentes, pois ainda existe uma forma de avaliação para permitir o ingresso nestas instituições, o que pode gerar uma abordagem aligeirada dos conteúdos do ensino médio.

Ouvindo os Professores: Percursos da Pesquisa

Nosso trabalho começou com a definição das questões que fundamentariam a investigação do fenômeno central: o que dizem os professores sobre a História de Mato Grosso do Sul que se ensina nas escolas, particularmente sobre o homem das regiões sul-mato-grossense e do Pantanal.

Procurando o contato direto e atual com a realidade experimentada pelos alunos, elegemos como procedimento de levantamento a entrevista semi-estruturada gravada com os professores de uma escola, especificamente professores que trabalham com História Regional como disciplina em uma escola estadual localizada no centro da cidade de Campo Grande-MS.

Entrevistamos quatro professores e de suas respostas depreenderam-se quatro categorias de análise relacionadas ao fenômeno central investigado. Foram elas: “Produção individual de material de didático”, “Mosaico étnico e cultural e a formação histórica inicial do homem sul-mato-grossense”, “O papel da História: para além da abordagem resumida, a busca da identidade” e “Indefinição e busca do homem da região do Pantanal sul-mato-grossense”. Para este trabalho traremos as análises das duas últimas por expressarem, respectivamente, as inquietações em relação à abordagem dos conteúdos de História observadas nas falas dos professores e a inexistência de algumas especificidades regionais apontada por eles.

A partir dos dados coletados nas entrevistas, serão apresentados os resultados das análises partindo da proposição central e as categorias que advieram da fala dos sujeitos mediante as questões sugeridas.

Reflexões e Inquietações: Categorias, Análises e Discussões

O Papel da História: Para Além da Abordagem Resumida, a Busca da Identidade

Feitos os esclarecimentos iniciais, discorreremos sobre como a disciplina de História Regional pode ser aproveitada como espaço para as discussões pertinentes à percepção de identidade, afastando-se desta forma de qualquer forma superficialmente direcionada de trabalho de seus saberes, e corroborando para a produção do conhecimento histórico nos e com os alunos.

Há uma questão com a qual o historiador, tanto o que produz quanto o que ensina, precisa lidar no exato momento em que se propõe a estudar ou a ensinar a História do Estado de Mato Grosso do Sul: quais são seus limites e sua abrangência. As respostas variam de acordo com a formação e a expectativa de cada profissional em particular, o que dificulta um entendimento sobre quais processos históricos se revelam pertinentes para estudarmos a História Regional.

Um dos reflexos desta dificuldade é um sentimento de insegurança dos professores, ainda que a disciplina vigore como obrigatória em alguns anos do ensino fundamental e médio. E é assim que encontramos o ensino da História Regional de Mato Grosso do Sul, imerso em dúvidas e receios que preocupam os professores que lecionam este tema.

Este sentimento de preocupação com a disciplina de História Regional foi detectado nos discursos que aqui destacamos:

Eu acho que a maneira que a gente trabalha História ela está muito equivocada porque está presa a preparar para o exame vestibular. E são inúteis. Não que sejam inúteis, as informações são importantes mas tornam-se inúteis porque são muito resumidas, são informações que se prendem ao passado pelo próprio passado, não dá para fazer uma análise historiográfica, não dá para instrumentalizar o aluno com uma ferramenta de análise crítica. P11

A gente... como é um assunto que a gente conhece pouco infelizmente, com os alunos, a gente acaba se atendo mais aos fatos históricos, aos acontecimentos que tem alusão em nível nacional, como a guerra do Paraguai, como a ferrovia. Mas é muito importante, haja vista que culturalmente nós falhamos muito neste sentido, e a única pressão, de fato houve uma pressão maior para História Regional porque os vestibulares passaram a cobrar e não como tema de conscientização, que a gente precisasse de fato conhecer a nossa história, mas o trabalho é um fato interessante. P3

Aqui notamos a necessidade de um entendimento do “por que” trabalhar a História Regional. Os professores demonstraram que a maior pressão vem dos vestibulares e que a abordagem passa a ser superficial para atender apenas a mais essa exigência.

É imprescindível salientarmos como entendemos o caráter universal e singular em conformidade com o objeto aqui estudado: pensamos o regional como peça inserida em uma engrenagem maior, não pesando nesta relação à valoração de um em detrimento do outro, ao contrário, nos direciona o entendimento de que o regional é uma expressão do universal (ALVES, 2003), como seu componente indissociável e aproximando-se desta forma das especificações contidas nos PCN’s no sentido que

Os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem a realidade brasileira como diversa, e as problemáticas educacionais das escolas, das localidades e das regiões como múltiplas. É no dia-a-dia das escolas e das salas de aula, a partir das condições, contradições e recursos inerentes à realidade local e educacional, que são construídos os currículos reais. (PCN, 1996, p. 15)

A História Regional entra como um objeto de compreensão dos acontecimentos considerando as variáveis tempo e espaço. Especifica dessa forma a ação dos homens ao longo do tempo, porém em um determinado espaço, entretanto não possui caráter restritivo, como se fechássemos e isolássemos determinados fatos e processos a uma área geográfica. Ela apenas corrobora com a visão de que existem diferenças vinculadas à história sócio-cultural de um determinado grupo. Ela retoma a idéia de identidade social quando reconhece a diversidade histórica, e descontinua a idéia de uma História única, homogênea e universal.

Ao questionarmos o caráter propedêutico do ensino de História, especialmente no ensino médio, pretendemos fazer emergir uma questão pontual: os objetivos maiores traçados para o aprendizado de História, contidos no Plano Nacional de Educação, por exemplo “permitir aquisição de competências relacionadas ao pleno exercício da cidadania (...) percepção da dinâmica social e capacidade para nela intervir; compreensão dos processos produtivos;” (PNE, 2001, p. 57) e ainda “Compreender os elementos cognitivos, afetivos, sociais e culturais que constituem a identidade própria e dos outros” (PCNEM, 2000, p. 105) poderão ser atingidos ao restringirmos o ensino de História a “preparação” para uma prova?

Considerando a dificuldade desta articulação, concordamos com Luis Fernando Cerri quando afirma que

O professor deverá equilibrar-se, mais ou menos como hoje, entre a necessidade de construir coletivamente os sujeitos com a habilidade de pensar o mundo e transformá-lo a partir dos instrumentais da História e das demais Ciências Humanas, e a contingência

pragmática de ensinar os conteúdos que são exigidos pelos exames, entre formar o cidadão e treinar o estudante para ser aprovado em concursos. (2004, p.16)

É possível encontrar o meio termo de dois caminhos que apontam para direções extremas? O que realmente pode auxiliar o aluno a entender-se como sujeito e a partir daí compreender o outro e a sociedade da qual é partícipe ativo?

O Ensino de História Como Espaço Para Discussão da Identidade

Quando unimos em uma mesma equação três variáveis tão distintas como, aprendizagem, identidade e História, considerando as múltiplas interpretações existentes sobre os temas, mister se faz a colocação dos entendimentos que direcionaram a pesquisa em que nos baseamos para este trabalho. Sabemos que existem várias discussões pertinentes sobre História, especialmente no que concerne à sua abordagem regional como catalisadora e formadora da identidade e da cultura, e por isso torna-se importantíssimo neste ponto diferenciar o que alguns estudiosos em História costumam entender por identidade e com em que contexto a analisamos aqui.

Na visão de alguns historiadores, “formar uma identidade” é quase sempre sinônimo de apropriações indevidas para atender objetivos específicos, onde aparecerão estes ou aqueles traços em um personagem histórico, ou em um povo. Para a Educação, baseada em pilares das teorias da Psicologia a formação da identidade é um processo metamórfico e de mediação social constante entre as diferenças e as igualdades, (CIAMPA, 1984), pelo qual todas as pessoas passam desde o momento de seu nascimento até sua morte. Neste contexto, a escola, como ambiente formal da Educação e dos aprimoramentos do conhecimento, através de suas interações e por meio das disciplinas, colabora indelevelmente para esta formação.

Na resposta que se segue percebemos que o professor não vê essa discussão como integrante hoje de suas exposições.

A formação do homem pantaneiro, nesse caso, sul-mato-grossense, essa busca de identidade de fato a gente não encontra muito claramente. P3

Já aqui, o professor coloca que mais do que considerar relevante, entende como sendo este o verdadeiro papel da História Regional.

Bom eu sempre trabalhei a História Regional dentro do contexto histórico do conteúdo programático. Eu ainda não tive tempo de analisar muito a questão do referencial. Acredito no referencial... foi algo solicitado há muito tempo, mas eu ainda não posso dar uma opinião sobre a questão da identidade. Mas também eu vejo que senão resgatar a identidade nós perdemos nosso referencial enquanto história. Então, que bom se o

referencial traz, eu não li ainda, com tanta... eu li apenas os conteúdos que tenho que cumprir mas... P8

Não pretendemos aqui defender nenhuma posição, por mais correta que pudesse parecer, de estabelecer a História, em todas as suas variações como portadora única do papel formador de identidade, este trabalho não seria suficiente para sustentar tal pensamento. Mas acreditamos sim que a escola é um local apropriado para esta discussão e que a História, por tudo que já se falou até aqui, tem como contribuir com a discussão na exata medida que fornece um dos elementos essenciais a essa discussão: o contato com a formação histórica do local onde se vive.

Para essa relação entre o “o que e quando” da História e o “onde” da Geografia estabelece-se a História Regional que, lembra Reckziegel é um “o trabalho de contextualização” que estabelece “a correlação entre as dimensões de realidades local, regional e global, sem o que se torna impossível compreender o real significado da vida cotidiana do aluno do ponto de vista histórico.” (1999, p. 20).

Consideramos a importância das interações sociais, baseadas em um entendimento sócio-histórico, posto que desempenharão um papel fundamental o desenvolvimento e no processo de aprendizagem do aluno. Pertinentemente sobre esta importância Vygotsky escreve que

A educação deve desempenhar o papel central na transformação do homem, nesta estrada de formação social consciente de gerações novas, a educação deve ser a base para alteração do tipo humano histórico. *As novas gerações e suas novas formas de educação representam a rota principal que a história seguirá para criar o novo tipo de homem.* (grifos do autor) (2004, p.12)

A partir das experiências relatadas pelos professores que colaboraram com a pesquisa e das discussões que pudemos fazer a partir delas conseguimos perceber o início de um trabalho voltado para a História Regional. De fato ainda está no começo e conta com algumas dificuldades, como a falta de um livro didático específico às necessidades dos temas, mas é um trabalho que já está sendo feito.

Percebemos em algum momentos a repreensão à uma abordagem superficial e também relatos que apontam para uma necessidade de ajuda para tratar o tema, mas é constante o espírito de tentativa.

O professor sempre pode ser um agente transformador e aqui vimos que isso acontece na prática não como uma exceção. Pelas respostas podemos ver o empenho pessoal

em fazer com que os temas regionais façam parte do universo em que o aluno se entende como sujeito.

O ensino de História pode contribuir com muitas áreas de conhecimento, e não vemos um motivo para que isso não possa ser estimulado, visto que cada uma, a seu modo, traz as contribuições à escola, pois o objetivo último de toda ciência é auxiliar no desenvolvimento humano, e para tanto precisa alcançar de fato o aluno, onde atuará como veículo condutor de mudanças.

Indefinição e Busca do Homem da Região do Pantanal Sul-Mato-Grossense

Por isso o papel da História precisa constantemente ser revisitado e revisto, pois é de fundamental importância na formação das representações, pessoal e social, que nos servirão de referência pelo resto de nossas vidas. Corroborando com Marc Ferro quando se expressa em enfáticas linhas:

Não nos enganemos: a imagem que temos de outros povos, e até de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida. Sobre essa representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, enxertam-se depois opiniões, idéias fugazes ou duradouras, como um amor..., mas permanecem indeléveis as marcas de nossas primeiras curiosidades, das nossas primeiras emoções. (1983, p.11)

Interessa-nos aqui promover uma breve reflexão sobre o sentido do ensino da História como disciplina. Realizar o “encontro secreto”, já determinado entre as gerações que nos precederam e a nossa, descrito por Walter Benjamin (1986). A educação é a forma prática de realizar este encontro e acreditamos especificamente também ser a disciplina de História, em ambiente escolar, responsável direta por ele. Assim caracterizamos o “aprender História”.

Nesse contexto, o papel que a História Regional, como abordagem ou disciplina, é parte integrante no processo formador de identidade e do desenvolvimento individual dos alunos, por proporcionar um conhecimento sobre a formação específica do espaço e da sociedade onde estão inseridos.

Justificamos o questionamento sobre o homem do pantanal sul-mato-grossense por ser uma caracterização específica da nossa região e conseqüentemente da História que dela advém. Algumas vezes entendido como sinônimo de homem sul-mato-grossense o pantaneiro possui características sócio-econômicas e culturais próprias. Não negamos aqui também seu caráter híbrido.

Esclarece-nos o professor Álvaro Banducci acerca do homem pantaneiro:

São as pessoas que residem e/ou trabalham nas fazendas do pantanal, em caráter permanente ou transitório, e se autodenominam pantaneiros. A categoria abrange os indivíduos que compartilham os hábitos e valores da cultura local e que se submetem às suas regras de convívio social. (1995, p. 14)

Neste ponto cada resposta nos remeteu a uma análise única. Por exemplo, os professores que declararam que dificilmente notam essa presença nos materiais didáticos:

Não. Não há uma separação, destacando não. Refere-se a ele mas sem nenhum destaque. P2

Não. Dificilmente. Mas especificamente como nos materiais didáticos, a formação do homem pantaneiro, nesse caso, sul-mato-grossense, essa busca de identidade de fato a gente não encontra muito claramente P3

Houve ainda o professor que relatou que o tema era abordado mais como uma questão a ser discutida do que como um conteúdo expresso nos materiais:

Então... como, de onde surgiu, este termo homem pantaneiro, como vem isso, o que está se perpetuando na imagem nacional... essas são as questões que a gente discute muito. São aulas assim... extremamente participativas. P8

Também tivemos a resposta do professor que vê o indígena como o verdadeiro homem do pantanal:

Há muito dessas populações indígenas há muitos remanescentes. Uma vivência pautada em uma cultura indígena muito forte. Está presente dessa maneira. Neste homem que vive no Pantanal. Há muito dos Guató, da cultura Guató, especificamente um povo do Pantanal. Estaria presente desta forma. P11

Aqui entendemos a diversidade no entendimento do termo “homem do pantanal”. A formação deste homem é também multiétnica e multicultural, como o é a identificação do homem sul-mato-grossense e também do brasileiro.

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelos adiantados; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. (FREYRE, apud FINOCCHIO, 1998, p.7)

Ainda assim reconhecemos que essa formação apenas o singulariza, mas não impossibilita seu estudo. Mas a partir da convivência social, novos hábitos e especificidades misturam-se e produzem novas manifestações. São essas manifestações que caracterizamos e nomeamos, sendo que as composições primeiras passam a ser influências.

Assim, não conseguimos entender os hábitos e particularidades do homem da região do Pantanal do estado de Mato Grosso do Sul se não nos dispusermos a uma visita no processo histórico de formação de seus hábitos. Por exemplo, costumamos atribuir ao homem da região do pantanal, as características de boiadeiros, mas poucos se atentam a como isso começou. Apenas partindo do conhecimento da gênese histórica desta região conseguimos entender o que hoje presenciamos:

O processo de expropriação das terras e escravização do indígena, que se iniciara no século XVI, intensificou-se no século XIX, sobretudo após a guerra com o Paraguai, devido à expansão pastoril empreendida pelos pioneiros, que se afazendaram em diversos pontos da Província, sobretudo no Pantanal sul. Como efeito, a população indígena foi se dispersando pelas fazendas da região, na condição de vaqueiros e agricultores. (ESSELIN e OLIVEIRA, 2005, p.47)

Esta característica pastoril construída historicamente ajudou a definir os traços culturais que até hoje verificados na região do Pantanal-MS, no exato sentido que Leontiev nos lembra: as gerações passadas legam o conhecimento do que foi criado, porém as gerações sucessoras multiplicam e aperfeiçoam todo o legado, o que dinamiza a cultura e gera o “desenvolvimento histórico da sociedade humana” (1978, p. 267). Logo as influências culturais funcionam como ponto de partida para os hábitos que se formarão naquela sociedade.

Considerações Finais

Ao realizarmos o trabalho feito com os professores de História, muitas questões nos chamaram a atenção e em especial a que destacamos aqui por sintetizar as angústias sentidas no cotidiano do ensino de História.

Na maior parte das entrevistas os professores nos apontaram carências tais como: a falta de material didático para a abordagem da História Regional, ainda que os esforços pessoais, que fez com que cada um criasse sua metodologia de trabalho para o tema, todos foram unânimes em dizer que sentem a falta da aproximação academia-escola e destacaram a preocupação com os efeitos que o choque entre a formação integral do cidadão e a sua preparação pragmática para continuar sua educação.

Cada análise das respostas dadas pelos professores nos abriu um leque de possibilidades. A partir delas conseguimos perceber a abrangência e o papel dos momentos de reflexão e discussão que a História Regional proporciona e como colaboram para formação da identidade, e o quanto essa vertente da História pode ser explorada.

Consideramos o espaço que a disciplina de História abre, por tratar diretamente da formação social, é propício para os questionamentos inerentes à formação identitária. Para entender-se inserido no complexo social de um país, antes o aluno precisa entender-se no contexto sócio-histórico do local onde vive, e isso só é possível se a ele forem apresentados os processos geradores da atual sociedade de sua região. Pensamos ser esta uma discussão perfeitamente pertinente ao ensino de História Regional.

Concluimos que ao negarmos ao ensino escolar da História a possibilidade de promover a reflexão do amplo do processo histórico que foi contributivo para a formação da sociedade, com objetivo de nos adequarmos a processos avaliativos de qualquer natureza, corremos o sério risco de proporcionarmos privarmos nossos alunos de debates interdisciplinares amplos, respaldados pelo conhecimento histórico.

A interdisciplinaridade que o estudo de determinados temas regionais da História pode proporcionar constitui um campo rico para o processo de construção de conhecimento dos alunos, colaborando com a formação dos conceitos científicos, responsáveis pelo desenvolvimento psicológico, nas palavras de Vygotsky “Os conceitos cotidianos desenvolvem-se, na verdade, espontaneamente. Os científicos são fornecidos à consciência da criança durante sua instrução”. (2002, p. 65)

Neste sentido, consideramos a articulação entre a constituição dos sujeitos e os saberes da História Regional, além de bem-vinda, profícua para o desenvolvimento psicológico dos alunos e para a efetivação da aprendizagem.

Referências

ALVES, G. L. Nacional e regional na historiografia educacional brasileira: uma análise sob a ótica dos Estados mato-grossenses. In: **Mato Grosso do Sul: o Universal e o Singular**. 1. ed. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2003. p.34-53.

BANDUCCI JÚNIOR, A. **Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro**: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado na “Nhecolândia” (Corumbá-MS). 1995. 1v. 200p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1986. p.222-232.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação- PNE** / Ministério da Educação. Brasília : Inep, 2001. 123 p. Disponível em:

<http://www.inep.gov.br/download/cibec/2001/titulos_avulsos/miolo_PNE.pdf> Acessado em: 29 abr. 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : Ciências Humanas e suas tecnologias. Ensino médio** . – Brasília : MEC/SEF, 2000. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acessado em: 11maio2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : história, geografia. 5º ao 9º anos** . – Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acessado em: 19 abr. 2008.

CERRI, Luis Fernando. Saberes históricos diante da avaliação do ensino: notas sobre os conteúdos de história nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 48, 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20maio 2010. doi: 10.1590/S0102-01882004000200010.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.T.M.: CODO, W. (org.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 1984. cap.2, p.58-75.

ESSELIN, Paulo Marcos; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Índio, Gado e Blindagens na construção da fronteira do sul de Mato Grosso**. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 32-33, 2007, p. 45-68.

FERRO, Marc. **A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação**. 2ª Ed. Tradução de Wladimir Araújo . São Paulo: Ibrasa, 1983. p.11-17, p. 290-293

FINOCCHIO, Ana Lúcia F. Algumas reflexões sobre a maneira de ser, agir e pensar de um indivíduo. In:**O processo de constituição da identidade: as apreensões e mediações sociais e o ato educativo** .Campo Grande,MS:UFMS,1998.(Dissertação de Mestrado) p. 1-18.

LEONTIEV, A. O homem e a cultura. In **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978. p. 261–284.

RECKZIEGEL, A. L. S. **História regional: dimensões teórico-conceituais**. História Debates e Tendências, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 15-22, jun. 1999.

VYGOTSKY, Lev. **A transformação socialista do homem**. URSS: Varnitso, 1930. In: Marxist Internet Archive. Trad. Nilson Dória. MIA:2004. p.1-17. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm> > Acessado em: 19maio2010.

_____. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Editora Ridendo Castigat, Mores 2002. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/7210667/pensamentolinguagem> Acessado em: 18 maio 2010.